

---

## **E a bruxa viveu feliz para sempre: Lya Luft desconstruindo um mito feminino em seus livros infantis**

**Patrícia Maria dos Santos Santana**

**Pg- UNIGRANRIO**

**Resumo:** O presente trabalho tem como proposta analisar os artifícios usados pela autora para desconstruir o velho e aterrorizante mito da bruxa em seus dois livros infantis: *Histórias da Bruxa Boa* e *A volta da Bruxa Boa*. Alertando para o fato que a bruxa é uma personagem que circunda o imaginário infantil de forma assustadora e corrobora para desde cedo inculcar o medo nas mentes pueris, Luft desmistifica essa visão em torno dessa personagem, partindo do propósito de externar a bruxa que há dentro da autora e que existe também dentro de cada uma das mulheres dessa sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Feminismo, Sociedade, Contos de Fadas.

**Abstract:** This paper aims at analyzing the techniques used by the author to deconstruct the old and terrifying myth of the witch in her children's books: *Histórias da Bruxa Boa* and *A Volta da Bruxa Boa*. Observing the fact that the witch is a character that goes around children's imaginary in a scary way and helps to bring fear to young minds since very early, Luft shows another vision around this character, considering the intention of showing the witch who is inside her and all the witches who are inside every women in this contemporary society.

**Key words:** Feminism, Society, Fairy Tales.

*Não me lembro em que momento percebi que viver deveria ser uma permanente reinvenção de nós mesmos (...)*

LYA LUFT, *Pensar é Transgredir*

O livro *Histórias da Bruxa Boa* foi lançado em 2004 e marca o começo da carreira de Lya Luft voltada para o universo infantil. Até então, a autora não havia se enveredado por essas terras fabulosas. O sucesso do livro foi grande e logo instigou na autora a vontade de seguir o trabalho iniciado, tendo como resultado a continuação do primeiro livro com *A Volta da Bruxa Boa*, em 2007. A personagem principal de ambos

os livros é Lilibeth, uma bruxa diferente e engraçada que é avó e adora contar histórias para a netinha. Os livros não escondem essa possibilidade de vermos em Lilibeth a própria Lya Luft. A autora, em entrevista, cria oportunidades para essa leitura de Lilibeth como uma fusão da personagem com a própria autora e com a sua vida:

Histórias de Bruxa Boa, na verdade, não nasceu escrito, né? Eram histórias que eu contava para a minha neta, para a mais velha das meninas, a Isabela, quando ela tinha uns três anos e meio e estava esperando irmãs gêmeas. (...) Ela passava o dia comigo e eu fui inventando uma história muito louca, muito engraçada de que eu era uma bruxa boa disfarçada de avó e ela era a minha ajudante. Enfim, a gente se divertia muito com isso. Inclusive, eu preparei um pó com purpurina dourada, botei em um vidrinho e dizia que era pó mágico...

(...)

E eu acho que eu sou uma avó que não cozinha, que não faz bolo, que muito raramente leva para ver um filme infantil, não vou muito com eles ao shopping, mas eu curto muito criança, acho uma coisa meio misteriosa, meio maravilhosa aquela pessoazinha se desenvolvendo. Eu sou muito ligada aos meus netos afetivamente...<sup>1</sup>

*Lya Luft nasceu* no dia 15 de setembro de 1938, em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Ela é romancista, poeta, cronista, ensaísta, tradutora, professora e foi criada dentro dos moldes conservadores da comunidade alemã no sul do Brasil. Esses padrões severos da infância ajudaram a menina Lya a desenvolver uma postura crítica diante do mundo. Sua face contestadora é notória em sua literatura dirigida ao público adulto. Luft é conhecida por sua luta contra estereótipos sociais. Sobre as imposições da sociedade atual, ela comenta:

A ordem é fazer sexo sem parar, o tempo todo. A ordem é não fumar, não beber. É essa loucura o dia inteiro na cabeça. Quem não for resistente acaba enlouquecendo. (...) Hoje as pessoas estão sofrendo muito. Um sofrimento absolutamente desnecessário. (LUFT, entrevista, 2004)<sup>2</sup>

Apesar de declarar aos quatro ventos que não escreve exclusivamente sobre mulheres e sim sobre o que lhe assombra, Luft se tornou uma figura conhecida e marcante no cenário cultural brasileiro devido aos romances que produziu pontuando a vida e os conflitos sob o ponto de vista feminino. Sua bruxa Lilibeth não poderia fugir dessa questão mesmo que se trate de outro tipo de público alvo. Esse olhar feminino para o mundo e para as coisas, uma marca do estilo da autora, fica óbvio na construção

do personagem da Bruxa Boa. No discurso luftiano, o sujeito feminino não ocupa um lugar silencioso ou afônico: apresenta-se como ser falante. A construção do eu feminino resulta de experiências que se desdobram e que lidam com a contradição. Assumindo essas transformações, o eu feminino deixa de estar num lugar à margem, para tentar ocupar uma posição melhor. A significação da construção feminina com uma nova consciência de si é o que a narração de Lya Luft enfatiza e, segundo Rita Schmidt (1988), isto se dá “para se repensar a literatura tanto em termos de revisão dos paradigmas tradicionais quanto em termos da restauração da perspectiva da mulher”. A pesquisadora Nádia Gotlib (2003) menciona que construir e desconstruir nomes ou sistemas de identidade feminina é uma via trilhada pelas mulheres que escrevem no Brasil e pode ser um possível caminho para se ler a produção cultural literária dessas mulheres.

O primeiro livro infantil de Luft possui cinco histórias que contam com descrições pessoais e verossímeis sobre o mundo da autora e de sua família. São articulações que enfatizam essa leitura da bruxa como sendo a própria Luft.

Essa avó era muito engraçada, alta, grandona, sempre escrevendo no computador. Seu nome encantado era Lilibeth. Ela era um pouco diferente das outras avós, porque era uma bruxa. Pouca gente sabia disso: era segredo. Mas ela era bruxa boa, claro, das que fazem feitiço para proteger as pessoas e assustar as bruxas más. (Histórias de Bruxa Boa, 2004, p. 10)

O papel que Lya Luft desempenha de mulher moderna, sintonizada com o mundo, ela o estende à sua Bruxa. Assim como Luft, Lilibeth é viúva e um rol de “coincidências” vai compondo a personagem. No primeiro livro, a Bruxa Boa é descrita de forma interessante pelo narrador, no momento em que a netinha

Ficou pensando, pensando que aquela avó era mesmo muito diferente e divertida, não cozinhava nem lavava nem ia ao parque com os netos. Estava sempre no computador, escrevendo bastante, e ia para a academia fazer ginástica. A Vovó tinha muitas amigas e amigos, mas morava sozinha porque seu marido, o Vovô de Tatinha havia morrido fazia muitos anos. Tatinha só conhecia de um retrato junto do computador de Lilibeth. (História da Bruxa Boa, 2004, p.29)

Considerando essa possível representação da mulher Lya Luft em sua bruxa boa Lilibeth, por que Luft preferiu se mostrar ao universo infantil pela voz de uma bruxa, apesar de boa, e não na pele de uma fada, por exemplo? O que estaria por trás das intenções da autora, então?

Os títulos dos livros são bastante interessantes: *Histórias de Bruxa Boa* e *A Volta da Bruxa Boa*. Eles poderiam ser nomeados simplesmente como “Histórias da Bruxa Lilibeth” ou “A volta da Bruxa Lilibeth”, mas a marcação do “boa” para a bruxa é fator imprescindível. O adjetivo “boa”, presente nos títulos, a princípio, nos soa como uma idéia de bruxa que seria bondosa, meiga, papalva, quase tola, porém, não é essa a bruxa que podemos exatamente encontrar. Na verdade, a bruxa luftiana é uma bruxa quase humana, com sentimentos conhecidos, ficando muito parecida conosco. Uma bruxa que se diverte, mas que fala ou faz o que deve ser dito ou feito. Uma bruxa que poderia ser qualquer mulher. Uma bruxa que age como gente de carne, osso e coração. Uma bruxa com toques humanos, com toques de Lya Luft. Uma bruxa que não é má porque é bruxa boa e que não é fada porque é bruxa – se fosse fada seria apenas boa. Todavia, essa bruxa Lilibeth mostra o seu lado gente: bom, mau, normal...

Para a professora e pesquisadora Luiza Lobo, certos personagens relacionados à visão feminina servem justamente para quebrar estereótipos enraizados na sociedade patriarcal em que vivemos:

(...) a visão da bruxa, feiticeira, deusa, mulher realçada em pureza pelos mitos do marianismo medieval, a musa, exaltada pelo Romantismo, ou a guerreira, figura que surge na literatura do século XX já sem a máscara da mulher disfarçada em cavaleiro medieval ou renascentista (Cruzadas, Joana d’Arc, etc) são facetas de uma afirmação de vida em face da pulsão de morte. Representam uma irmandade que nega o patriarcalismo (...), apresentando a defesa de direitos na lei e liberdade de ação e de experimentação transcendental, para além da censura e no encontro da criação e do prazer. (LOBO, 1997a, p. 4-5.)

As historinhas infantis de Luft são muito críticas e cheia de pontos de vista da autora em relação à sociedade. Uma visão bem humorada de Luft, nos mencionados livros, refere-se ao nome das bruxas más que se chamam Cara-de-Panela e Cara-de-Janela, alusões claras ao estigma da vida medíocre da mulher presa ao lar, ficando com a cara semelhante a uma panela, por cozinhar para o marido e para os filhos, ou com a cara com formato de janela, por ficar debruçada na janela para passar o tempo e tomar conta da vida dos outros.

A menina Tatinha, neta da bruxa boa Lilibeth, é um personagem importante para o enredo do livro infantil. A menina admira demais a avó por seus enormes poderes de bruxa voltados para o bem. Em determinado momento do livro, a menina pergunta:

- Vovó, eu sou a sua bruxinha-ajudante, não sou? (...)
  - Eu já disse que sim. Quando você crescer você vai ser bruxa boa como eu. Isso passa de mãe para filha ou de avó para neta – repetiu a Vovó.
  - E a minha Mamãe não é bruxa? – perguntou Tatinha mais uma vez.
  - Não, porque não passa para todas as filhas ou netas, só algumas. Sua mãe é linda e inteligente, mas tem a cabeça no lugar – respondeu a Vovó com paciência.
- Tatinha não entendeu muito bem aquilo, porque a cabeça de Vovó e a dela mesma pareciam estar bem direitinho no lugar, entre os ombros. Mas resolveu não perguntar mais nada. (Histórias de Bruxa Boa, 2004, p. 20)

Em sua ajudante mirim, é como se a bruxa boa tivesse as armas para transformar a cabeça da mulher da nova geração. Tatinha possui, com certeza, grandes chances de se transformar em uma mulher antenada com o novo mundo que se apresenta diante dos seus olhos, através do forte contato com essa bruxa boa e irreverente que é a sua avó. A “cabeça fora do lugar” poderia representar exatamente essa coragem da mulher moderna para ir contra os estereótipos e contra os preconceitos sociais.

Se toda mulher é uma bruxa, para a neta Tatinha a sua avó era a bruxa mais poderosa de todas; muito mais poderosa, inclusive, que as bruxas Cara-de-Panela e Cara-de-Janela que representam as mulheres que não se desenvolveram com pensamentos modernos na sociedade atual:

Tatinha estava de olhos bem abertos, mas o barulho continuava: as bruxas estavam rondando o terraço.  
 Antes que Tatinha pudesse chamar **a avó, que era uma bruxa mais poderosa do que aquelas duas**, elas apareceram! (A volta da Bruxa Boa, 2007, p. 32 – grifo nosso)

O computador e o carro são citados diversas vezes ao longo dos dois livros como partes integrantes e fundamentais da vida da moderninha avó bruxa. O computador é até coroadado como uma espécie de amigo, uma espécie de integrante da família de Lilibeth no segundo livro, onde diz: “(...) Não sou sozinha. Tenho filhos, netos, montes de pessoas amigas, tenho livros para ler, músicas para ouvir, histórias para escrever no

computador... mil coisas”. (A volta da Bruxa Boa, 2007, p. 50) Em determinado momento do primeiro livro, ao falar sobre os exames médicos atuais e suas maravilhosas possibilidades, a bruxa Lya-Lilibeth exclama: “Eu acho este mundo moderno o máximo!” (Histórias de Bruxa Boa, 2004, p.48)

No final da década de sessenta, as reflexões sobre gênero e atividade artística vieram à tona no debate científico com a emergência dos *estudos feministas*, um campo multidisciplinar de produção de conhecimento que analisa a dimensão sexuada das relações sociais. Diversas correntes surgiram, mas algumas idéias centrais foram compartilhadas, sustentando como ponto principal que a diferença sexual não pode ser explicada pela biologia e que, em termos políticos, as mulheres não podiam continuar ocupando um lugar subordinado no domínio da vida social. Uma questão levantada dentro do movimento de mulheres artistas foi a existência de uma *arte de mulher*, ou mesmo, uma *arte feminista*, considerando aspectos da arte feita por mulheres que são inacessíveis aos homens, uma vez que nascem de uma experiência política, social e biológica do gênero feminino na sociedade. Lucy Lippard (1995) aponta que essa arte feita por mulheres apresenta como características dominantes o foco no *eu* e na *autobiografia*. Infelizmente, essa produção artística de mulheres foi, por muitas vezes, classificada pejorativamente como narcisista por sua exploração e fixação no eu. O que ocorreu de fato foi que, em um processo de verossimilhança, a mulher procurou se autorrepresentar para reavaliar e reconstruir a imagem que veio sendo construída de si ao longo da história, desafiando de algum modo a complexa relação que há entre ação masculina e a passividade feminina em nossa história. Sob o lema “o pessoal é político”, as mulheres fizeram uso de seus corpos e histórias de vida para pensar a questão “gênero” na sociedade. Antes de tentarmos entender a construção da bruxa Luftiana, vejamos o conceito de Nelly Novaes Coelho sobre a Arte:

(...) a Arte é uma espécie de ponte entre a realidade comum que nos rodeia e o mundo do indizível, que escapa à percepção comum, - o mundo dos valores ocultos, onde pressentimos todas as respostas para as indagações essenciais que assaltam o homem, quando este toma consciência de ser um EU situado num universo incomensurável e incompreensível. (COELHO, 1986, p.30)

A Arte viabilizará a desconstrução e a representação de mundo almejadas por Luft. Caldin (2003) afirma que “todo fazer artístico cumpre uma prática ética e social” e que “a literatura infantil (...) apresenta modelos de comportamento que facilitam a

integração da criança na sociedade”. Cabe ressaltar que a função pedagógica dos contos de fadas, principalmente os mais antigos, estava em grande parte na intenção de afastar as crianças de situações perigosas, utilizando, pois, personagens como bruxas, monstros, lobos, etc. A visão que sempre nos vem à mente é que a bruxa é um ser feio, malvado, com características físicas medonhas, que auxiliam na construção do medo no imaginário pueril. A figura materna ou da pessoa que representa esse papel é vista como rica em atributos positivos, uma figura sempre terna e bondosa. Do ponto de vista psicológico, quando a mãe, poço de amor e carinho, contraria os desejos da criança, forma-se um dilema nas cabeças dos pequeninos: como sentir raiva de alguém tão amado? É nesse momento que surge a necessidade de se dividir a figura da mãe em duas partes, uma boa e outra má, projetadas nas figuras da fada e da bruxa. Essas duas vertentes irão ajudar a dissipar a confusão mental criada. Por concentrar em si a maldade, a bruxa pode, assim, ser castigada pelos infantes, como um sinal de enfrentamento da parte dos pequeninos em relação a quem os maltrata. A bruxa torna-se uma representação dos desejos de vingança infantil. Com isso, ela precisa ser sempre mais assustadora e abominável, corroborando para a criação da imagem de uma senhora em nada confiável, de idade avançada e descrita como uma criatura fora dos padrões de beleza da sociedade. Tendo a maldade como sua característica marcante, fica fácil direcionar a ela todo o ódio que incita.

Outro ponto que justifica a presença da bruxa é a preocupação com a imagem social. O desejo que o homem tem de corresponder sempre à imagem de “pessoa de bem”, faz com que surja, paralelamente, o medo de ser rejeitado pelo grupo e o medo de ser diferente. De acordo com Jung, a sombra, ou melhor, esse outro lado, contém os aspectos ocultos, reprimidos e desfavoráveis do homem. Com isso, o ego entra em conflito com esta sombra para enfrentar a não aceitação de características socialmente mal vistas e pessimamente recebidas. Como essa sombra está presente em cada um dos seres humanos, Luft parece ter preferido construir sua Lilibeth para apontar que o bem e o mal residem em todos, sendo ambos normais em nós. Não somos apenas fadas ou apenas bruxas: somos “bruxas boas”, seres ambíguos. Uma proposta contra essa ética maniqueísta que separa e isola o bem do mal e vice-versa. Essa tendência relativista visa a desconstrução da maldade da bruxa, fazendo com que o leitor, inclusive, se identifique com ela. Mesmo que as bruxas sejam vistas como más, a natureza exata dessa maldade e o grande pavor em relação a elas vão variar de história para história. Nos livros de Luft, esse encontro entre a criança e a bruxa ocorre sem temor. Pelo fato das outras

crianças do livro não sentirem medo da avó de Tatinha, leva-se, inclusive, à incredulidade o fato de Lilibeth ser uma bruxa por não reconhecerem nela características essenciais de bruxa, dizendo: “-Bruxa de verdade não existe! E sua avó nem é tão feia, nem tão cara assim de bruxa. A gente não tem medo dela.” (Histórias da Bruxa Boa, 2004, p.13) O trabalho artístico de Luft resulta de um pensamento dialético social, uma vez que o sujeito feminino é modelado por meio de oposições existentes. Analisando o discurso narrativo dos dois livros infantis de Luft, apontamos a enorme vontade de se desconstruir idéias estabelecidas. Foucault (1996, p.8) considera que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. Podemos julgar o discurso usado por Luft em seus livros como caminhos para burlar e fugir de controles e conceitos sociais. No caso dos livros de contos de fadas, a bruxa, responsável por fazer o mal e por lançar maldições e castigos, é representada pela figura feminina. Uma idéia que se obteve com base na sociedade patriarcal e machista que sempre colocou a mulher em segundo plano como um ser inferior. O homem, por sua vez, não carrega necessariamente a representação do mal. Quando nas histórias infantis o mal aparece sem ser pela personagem da bruxa, o faz pela figura do lobo ou da fera, ficando a figura do homem isenta de severa alusão negativa. Os magos e feiticeiros de livros infantis ou aqueles que aparecem nas badaladas histórias do bruxinho Harry Potter de J. K. Rowling são seres muito admirados pelos outros personagens pelo poder que apresentam e pela sabedoria que possuem. Em *João e o pé de feijão*, o gigante, apesar de representar a figura masculina, nos causa uma sensação esquisita de estar somente cumprindo a Terceira Lei de Newton que diz que para toda ação há uma reação: ele procura se defender em seu *habitat* daquele que julga ser uma ameaça, ou seja, o pequeno João. Digamos que de certo ponto de vista, ele tem seu lado ruim exposto devido à situação de ameaça que o contexto insinua. É como se houvesse uma “justificativa plausível” para a maldade que faz. Essa visão distorcida sobre bondade ou maldade dos sexos representa um fator histórico, tornando evidente a discrepância de papéis para homens e mulheres nos enredos infantis:

O uso da categoria gênero é uma maneira de afirmar os componentes históricos e sociais das identidades e das relações baseadas nas diferenças sexuais, em outras palavras, que os significados do



masculino e do feminino e as relações entre sexos possuem historicidade e são socialmente constituídos. (BASSANEZI, 1992, p.9)

No imaginário popular, a idéia de bruxa através da mulher feia, malvada e velha se faz presente. Como mulher inquieta que luta contra as adversidades e as injustiças sociais, Lya Luft talvez não tenha aceitado com bons olhos essa posição “feiticeira” da mulher. O conceito de beleza parece ser um fator socialmente ligado ao gênero feminino. Freud (1914), ao escrever uma introdução sobre o narcisismo, definiu o termo como “a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado”. Apesar de o autor dizer que o narcisismo pode ser atribuído a toda criatura viva, ele, em determinada passagem, faz referência específica do narcisismo às mulheres. Por sua vez, Simone de Beauvoir (1949), assinalou no capítulo “A narcisista”, do segundo volume de *O segundo sexo* que as circunstâncias sociais convidam a mulher, mais do que o homem, a voltar o olhar para si mesma e dedicar o seu amor. A narcisista para Beauvoir, não deseja ser vista apenas refletida no espelho, mas também nos olhos dos outros, local onde encontra toda a sua “glória”, validando por um lado a sua auto-estima, mas, por outro lado, tornando-se perigosamente escrava daquele que a admira. Beauvoir alerta que o narcisismo feminino faz parte de um processo de alienação, onde o “eu é posto como fim absoluto e o sujeito nele foge de si” (*ibidem*, 397). Luft desmancha esse processo de alienação da mulher ao eleger a sua bruxa como uma espécie de representante do seu “eu”. A bruxa significa a sabedoria da maturidade e a velhice da mulher que não se tornou escrava do espelho, dos outros ou de Narciso. Criar sua bruxa bondosa e com sentimentos humanos é como reivindicar essa problemática em torno da figura feminina, dosando boas pitadas de feminismo:

(...) afirmando a mulher como indivíduo, e, portanto, o indivíduo com valor, o feminismo torna-se capaz de revelar a presença e operância de uma série de relações hierarquizadas na sociedade moderna, e ganha nesse movimento uma força e poder de transformação efetivos. (FRANCHETTO, CAVALCANTI & HEILBORN, 1981, p.40)

A mulher moderna que precisa cuidar da casa, dos filhos, do marido, trabalhar, estudar, se cuidar na academia e viver sempre “linda, leve e solta”, parece estar mesmo dotada de dons mágicos, certos feitiços para conseguir dar conta desse turbilhão de atividades novas que surgiram de uns tempos para cá. Muitas mulheres fazem tudo isso

ao mesmo tempo, outras se dedicam apenas a três ou quatro das atividades citadas, mas, mesmo assim, ampliaram-se as tarefas em relação ao que a mulher fazia no passado. A bruxa luftiana também não faz todas essas atividades, porém Lilibeth deixa bem claro que não é uma avó como se espera: em vez de lavar e cozinhar, ela vai para a academia fazer ginástica. Definitivamente, um sinal de que a mulher atual mudou muito.

O segundo livro possui quatro historinhas. No segundo livro, a primeira história narra a mudança da casa velha para a casa nova onde encontramos destacado que a citada casa era no mesmo bairro, porém “perto da escola e do shopping”. (A volta da Bruxa Boa, 2007, p. 12) A escola e o shopping são valorizados pela bruxa Lilibeth como fatores que tornaram a nova casa mais interessante.

No segundo livro também temos o assunto sobre a viuvez de Lilibeth que já fora tratado no primeiro livro e é retomado para apresentar um novo fato. No primeiro livro, o narrador de Luft explica que a menina não conhecera o avô, uma vez que o mesmo já havia morrido fazia muitos anos e que ela somente o conhecia de um retrato junto ao computador de Lilibeth. Por sua vez, o assunto é tratado no segundo livro para apresentar o namorado da avó, o tio Vitor, quando a netinha ajudante de bruxa pergunta:

- Vovó, você e o tio Vitor estão namorando?

(...)

- Estamos sim, filhota. Você acha bom ou ruim?

- Eu acho bom se você fica feliz, Vovó. Mas uma de minhas colegas disse que vó não namora.

(...)

-Tatinha, o que sua colega disse é o que muitos adultos pensam. Eles sofrem de um tipo de doença chamada preconceito.

- Ué – disse Tatinha –, essa doença eu nunca ouvi falar.

- Pois é. Ela não leva a gente pra cama, não dá febre nem dor, mas faz a gente enxergar mal as coisas. (...) É como achar que as pessoas de outra raça ou com menos dinheiro são piores do que a gente; que criança não entende nada; que velho não pode mais ser feliz. (A volta da Bruxa Boa, 2007, p. 60-62)

Nesse trecho do livro, A bruxa de Luft barbaramente resume ao que veio. Com a proposta de criticar a ideologia ou a “falsa consciência” que domina a nossa sociedade, Lya Luft toma como recurso o discurso combativo da mulher moderna através de seus textos, se fazendo especialmente presente na fala de sua bruxa boa e criando argumentações que propõem um real enfrentamento, uma vez que nada está presente no texto em vão. Em relação a esse tópico, José Luiz Fiorin pontua:

A esse conjunto de idéias, a essas representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que ele mantém com os outros homens é o que comumente se chama ideologia. Como ela é elaborada a partir das formas fenomênicas da realidade, que ocultam a essência da ordem social, a ideologia é “falsa consciência”. (FIORIN, 2007, p.28-29)

Sobre todas essas representações que vivemos e que inconscientemente se formam como “a nossa própria consciência” por determinação social e que, de certa forma estão tão entranhadas em nós que não reconhecemos como “não sendo nossas”, Jorge Larrosa cita:

Mi identidad, quién soy, no es algo que progresivamente encuentro o descubro o aprendo a describir mejor, sino que es mas bien algo que fabrico, que invento, y que construyo en el interior de los recursos semióticos de que dispongo, del diccionario y las formas de composición que obtengo de las historias que oigo y que leo, de la gramática, en suma, que aprendo y modifico en esa gigantesca y polifónica conversación de narrativas que es la vida. (LARROSA, 1996, p. 477)

A crítica social pulsa em Luft de forma inesgotável. Ela faz dos seus livros infantis uma extensão da crítica que costuma fazer nos livros adultos. Ao falar sobre a moradia das outras bruxas do livro, ela aproveita e comenta:

Elas moravam em um buraco enorme, na esquina da rua da casa da Tatinha, uma toca escura onde viviam com ratos feios e fedorentos. Os ratos traziam doença e eram muito perigosos. Havia ratos porque algumas pessoas ainda jogavam lixo na rua ou nos terrenos baldios, e assim os ratos sempre tinham o que comer. (Histórias de Bruxa Boa, 2004, p. 16)

É nesse universo de críticas, nessa reinvenção ou reversão de valores que a bruxa Lilibeth se apresenta. A Boa Bruxa nasceu da vontade de Luft de mostrar que mulheres e homens são iguais em essência. Vale mencionar que a visão que Lya Luft tem do sexo masculino é bastante positiva – seu pai e seus dois maridos falecidos, Celso Pedro Luft e Hélio Pellegrino, foram exemplos maravilhosos em sua vida como ela mesma costuma citar. Lya acredita na igualdade e, por tal razão, prega que homens e mulheres escritores em nossa sociedade escrevem da mesma forma:

Não existe isso de homem escrever com vigor e mulher escrever com fragilidade. (...) Eu sou uma mulher. Faço de tudo de mulher, como mulher. Mas não sou uma mulher que necessita da ajuda de homem. Não necessito da ajuda de homem nenhum. Essas mulheres fragezinhas, que fazem esse gênero, querem mesmo é explorar seus maridos. Isso entra também na questão literária. Não existe isso de homem com escrita vigorosa, enquanto as mulheres se perdem na doçura. (LUFT, entrevista, 2004) <sup>3</sup>

O espírito guerreiro da autora se faz evidente com essa declaração. Com o vigor inerente a homens e mulheres que tomam a caneta em mãos e tornam do ofício de escritor um jeito de mostrarem suas vozes, Luft derrama todo o seu pensamento através das letras que coloca no papel. A transgressão de regras e conceitos possibilita o seu gênio criativo no momento de produção. A bruxa Lilibeth e as demais personagens femininas de Lya Luft são tentativas subjetivas de mudanças, apesar de sempre parecerem presas ao “mito do eterno retorno” de Nietzsche, presas ao movimento circular que determina que tudo esteja fadado a retornar ao ponto de origem: suas mulheres continuarão sendo mulheres angustiadas e até mesmo a sua bruxa continuará a ser mulher-feiticeira no final de tudo. Uma marca dessa imagem da mulher que foi construída socialmente através do olhar masculino. Mas sempre é tempo de mudar as mentes que nos cercam em relação à mulher. Realmente, temos ainda uma grande batalha se travando nesse campo. Tudo faz parte de um longo e tempestuoso caminho a se seguir, sem desânimo. Luiza Lobo aponta em outro artigo que:

(...) o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não de reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas “domésticas” ou “femininas” e ainda de outros estereótipos do feminino herdados pela história voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher hoje. (LOBO, 1997b)

Em Luft, é como se todas as suas personagens femininas soassem como propostas para se tentar mudar o mundo, por mais utópico que isso seja. E falando especificamente de Lilibeth dentro do que a autora se propõe a fazer, Luft vai recriando mundos e possibilitando visões diversas da vida até mesmo em seus livros infantis. Ela se apropria de sua experiência de mulher madura para dar voz à sua bruxa que é sempre boa, trazendo para a criança uma nova percepção da figura desse mito. Sua Lilibeth acaba por tornar-se uma homenagem a todas as mulheres que sabem viver e fazer da

experiência do mundo atual uma aliada mágica. Voltando à epígrafe da autora no começo do presente trabalho, podemos mencionar que sua Bruxa Boa é uma reinvenção dela mesma nesse momento atual de sua vida e de nossa sociedade. Afinal, a gente nunca sabe do que uma bruxa boa é capaz de fazer para viver feliz para sempre...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANEZZI, C. B. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BEAUVOIR, S. A narcisista In: *O segundo Sexo II: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CALDIN, C. F. A Função Social da Leitura da Literatura Infantil. 2003. Disponível em [http://www.encontros-bibli.ufsc.br/edicao\\_15/caldin\\_funcaosocial.pdf](http://www.encontros-bibli.ufsc.br/edicao_15/caldin_funcaosocial.pdf). Acesso em 26 de outubro de 2009, às 22h.

COELHO, N. N. *Literatura e Linguagem: a obra literária e a expressão lingüística*. São Paulo: Edições Quíron, 1986.

FIORIN, J. L. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Ática, 2007.

FRANCHETTO, B; CAVALCANTI, M & HEILBORN, M.L. *Antropologia e Feminismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JUNG, C. G. *Dicionário Crítico de análise junguiana*. Disponível em <http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/sombra.htm> Acesso em 10 de outubro de 2009, às 19h.

LARROSA, J. Narrativa, Identidad e Desidentificación. In: LARROSA, Jorge. *La Experiencia de la Lectura*. Barcelona: Laertes S.A., 1996.

LIPPARD, L. Making up: role playing and transformation in women's art. In: *The pink glass swan: selected essays on feminist art*. New York: The New Press, 1995.

LOBO, L. A gênese da representação feminina na literatura ocidental: Bíblia, Cabala e Idade Média”. In: *Revista mulheres e literatura*. Volume 1. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997a. Disponível em: [www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres). Acesso em 23 de outubro de 2009.

\_\_\_\_\_. A Literatura Feminina na América Latina. 1997b. In: *Revista Brasil de Literatura*. Disponível em: <http://rbl.com.br>. Acesso em 11 de setembro de 2009, às 23h.

LUFT, L. *A Volta da Bruxa Boa*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

\_\_\_\_\_. *Histórias da Bruxa Boa*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *Pensar é Transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SCHMIDT, R. T. Mulher e Literatura. In: SCHULER, D. *et alii*. *Mulher em prosa e verso*. Porto Alegre: Movimento, 1988.

## NOTAS

1 LUFT, LYA. Entrevista de 2008 disponível em <http://wp.clicrbs.com.br/criancada/2008/05/30/historias-de-bruxa-boa/> Acesso em 30 de outubro de 2009 às 18h.

2 LUFT, LYA. Entrevista. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/forum/index.php?topic=1684.0> Acesso em 30 de outubro de 2009 às 21h.

3 LUFT, LYA. Entrevista. Disponível em <http://recantodasletras.uol.com.br/forum/index.php?topic=1684.0> Acesso em 30 de outubro de 2009 às 21h.